



Arnaldo Ourique

Identidade açoriana

Os personagens e os factos são reais. O diálogo, em parte, é ficção; só dois nomes tive de os mudar.

O país no ano e verão de 1975 fervilhava de “esperanças”. Apesar de Vitorino Nemésio ter sido avisado que o convite para umas férias na Vila Franca do Campo era uma armadilha não faltou ao encontro para um “grande almoço” no Ilhéu. Nemésio estava adoentado; a Marquesa Jácome Correia também; mas o convite de Carlota Meloni Bianche era irresistível: no meio de uma “caldeirada de peixes de todas as qualidades” e com “a FLA em peso” tinham de discutir o futuro dos Açores perante as dificuldades do país. S. Miguel não queria menos do que a independência dos Açores; Vitorino, cauteloso pelo aviso, escudou-se, à cautela, em Luís Ribeiro para quem os açorianos, num escrito seu recente, eram portugueses. A elite micalense estava em pulgas: queriam que Nemésio fosse o presidente da futura república e talvez lhe tenham oferecido a imagem da futura nota de 1 AÇOR, equivalente a 25 escudos, com a sua imagem, e que servia como um fundo para a libertação dos Açores pago sobretudo por certa diáspora açoriana.

À volta de Vitorino, já de cadeira de rodas, foram-se aglutinando os interessados. Era o mais velho e sobretudo professor universitário jubilado, o poeta insular, construtor da ideia de açorianidade e alto representante da antiquíssima cultura terceirense, enternecia quem o escutava, todos o seguiam “com a sua maravilhosa conversa”. Tinha todos os predicados para a presidência do novo país a criar: ainda ia a tempo de conjugar a sabedoria e culturas insulares às casas reais da Europa através da sua marquesa, mostrando o quanto os Açores, através da Terceira, tinha de monárquica para garantir um pé nos Estados Unidos e o outro no reino Unido. Fez-se um silêncio só quebrado suavemente pelo bater das ondas nas rochas.

Moralmoti Planetário (MP): – Meu caríssimo Nemésio é uma honra tê-lo aqui conosco neste grande momento da história açoriana e será maior a dignidade quando daqui a pouco, muito pouco tempo, puder designa-lo de Sua Excelência Sr. Presidente da República dos Açores...

Uma enorme onda de palmas ergueu-se pelos céus acima; todos os pássaros e gaiotas levantaram voo num de repente. Vitorino ficou emocionado, escondendo, ao mesmo tempo, um pensamento pesaroso, “mas foi para isto que vocês me chamaram?!”

Vitorino Nemésio (VN): – Digníssimo Sr. Dr. Moralimoti Planetário, senhores doutores, minhas senhoras, meus senhores, é uma enorme honra saber aqui e agora que vós tendes este carinho por mim e, sobretudo, que tenham pensado em mim para obra tão avantajada.

Margarida Victória tinha por Vitorino um amor desmedido, e ele também por ela. Bastava um cruzamento de olhar entre um e o outro para saberem o pensamento um do outro: ela dizia, “tu mereces, meu amor” e ele “e tu ainda mais, meu amor”.

VN: – Meus senhores, caríssimo Dr. Moralimoti Planetário, vossas excelências

apanharam-me desprevenido... eu compreendo o vosso fôlego, bem sabemos da vossa histórica necessidade de criar um país à parte das outras ilhas... e eu aceito essa esperança de boa vontade. Mas, compreendi-me e sobretudo perdoai-me, eu tenho um enorme dilema...

MP: – Diga o nosso muito estimado amigo qual a sua questão, tudo resolveremos a bem da república açoriana.

VN: –A questão é simples e ao mesmo tempo complexa. De um lado eu sinto e sou efetivamente ilhéu e, por conseguinte, sou português e não quero deixar de sê-lo; mas, por outra banda, compreendo o Vosso fado, quereis criar um novo Estado, mas querem-no fazer nas costas do povo.

A exclamativa em uníssono subiu aos céus como um trovão...

MP: – Meu caríssimo Nemésio (pousando a sua mão sobre a mão de Nemésio, quase numa exclamativa impositiva) nós somos o povo... (fez-se um elementar silêncio, momento que se ouviu claramente a espuma da subida da maré contra o musgo e as lapas nas pedras negras).

VN: – Eu, disse pausadamente Vitorino, compreendo e aceito a Vossa ideia. Mas necessito pensar melhor.

Margarida Victória tinha-o advertido não decidir nada sem antes pensar bem, sobretudo para pensarem os dois no ninho aconchegados. Vitorino escolheu a via da autonomia política.



Imagem extraída da Google/Pinterest, consultada em 06-10-2023.

Bolieiro diz que eleições antecipadas “é um bem para o país”

O líder do PSD/Açores considerou ontem que a decisão do Presidente da República de convocar eleições legislativas antecipadas e o calendário estabelecido para permitir a aprovação do Orçamento do Estado para 2024, é “um bem para o país”.

“A inevitabilidade de uma solução de disrupção da Assembleia da República, não foi acompanhada com irresponsabilidade orçamental, pelo contrário. À crise governativa com a demissão do Primeiro-ministro e da opção reputacional relativamente ao funcionamento dos órgãos de soberania e às posições previamente assumidas, a dissolução da Assembleia da República não foi acompanhada de uma crise orçamental”, disse José Manuel Bolieiro.

O Presidente do PSD/Açores e também líder do Governo Regional falava ontem em Ponta Delgada, no encerramento das Jornadas Parlamentares da coligação que integra o Executivo açoriano (PSD/CDS-PP/PPM).

“Atitude responsável”

“Há, por isso, uma atitude de responsabilidade: do Primeiro-ministro que se disponibilizou, e bem, para continuar em funções até à data da sua substituição legítima, bem como, a opção, por parte de sua excelência o Presidente da República de assinar o decreto de demissão do Primeiro-ministro, consequentemente do Governo, e da dissolução da Assembleia da República, em data que permite a esta-

bilidade orçamental do país”, salientou.

Assim, afirmou, “isto foi um bem para o país, um bem para as regiões autónomas e um bem para as autarquias locais de Portugal”.

Ainda relativamente à aprovação do Orçamento do Estado para 2024, que está a ser discutido na especialidade da Assembleia da República, com a votação final global do documento agendada para 29 de Novembro, José Manuel Bolieiro notou que será sempre possível o futuro Executivo que sair das eleições de 10 de Março fazer alterações.

E, entretanto, “confere-se alguma serenidade no percurso financeiro e económico do país”, considerou.

“Creio que é um exemplo de uma atitude responsável”, reforçou, lembrando

que, na Terça-feira, quando falou sobre o pedido de demissão do Primeiro-ministro, o socialista António Costa, “tinha apontado esse caminho”.

Na Terça-feira, o Primeiro-ministro pediu a demissão do cargo ao Presidente da República, que a aceitou, após o Ministério Público revelar que é alvo de investigação autónoma do Supremo Tribunal de Justiça sobre projectos de lítio e hidrogénio, na sequência de referências à sua intervenção para desbloquear procedimentos.

Numa declaração no Palácio de São Bento, António Costa recusou a prática “de qualquer acto ilícito ou censurável” e manifestou total disponibilidade para colaborar com a Justiça “em tudo o que entenda necessário”.